

DIÁLOGOS ENTRE IMPRENSA NEGRA E ESTUDOS DO DISCURSO: REPRESENTAÇÕES DE NEGROS NA MÍDIA IMPRESA DO SÉCULO XX

Maria Cecília de LIMA
(Universidade Federal de Uberlândia)
mariaceciliadelima@gmail.com

Resumo: Neste artigo, cujo tema é representação de negros na mídia impressa, temos o objetivo de analisar as representações do negro no jornal *A voz da raça* (1933-1935). Para isso, valer-nos-emos do arcabouço da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001) – teoria e método – e da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985) para uma análise social e textualmente orientada. Como teoria, a Análise de Discurso Crítica (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003) preconiza que a linguagem é fruto do contexto social, refletindo as relações de poder e ideologias. Como metodologia, preconiza que, por meio da análise de um problema no discurso, podemos propor formas de ação, contribuindo com a transformação social. Por isso, com essa análise, intentamos contribuir para: a) desvelar ideologias a respeito do negro à época da publicação do jornal, b) desconstruir do senso comum a respeito da temática, c) contribuir com a implementação da lei 10.639/03.

Palavras-chave: discurso; imprensa negra

1 Após a abolição, a luta por liberdade continua

A abolição da escravatura negra¹ no Brasil, assinada em 13 de maio de 1888, foi, para muitos, um sucesso resultante das lutas abolicionistas. Mas muitos ainda não sabem que ela se constitui em um fracasso, pois as ideias abolicionistas eram de que a abolição se efetivasse não apenas com a assinatura de um documento que, de certo modo, garantia a dita libertação do povo escravizado, mas que ela continuasse com processos indenizatórios para os negros, bem como com a reforma agrária, o que garantiria acesso a melhores condições de vida para essa parcela da população brasileira. Porém, nada disso se concretizou e os negros foram deixados à própria sorte.

Os negros libertos - quase 800 mil - foram jogados na mais temível miséria. O Brasil imperial - e, logo a seguir, o jovem Brasil republicano - negou-lhes a posse de qualquer pedaço de terra para viver ou cultivar, de escolas, de assistência social, de hospitais. Deu-lhes, só e sobejamente, discriminação e repressão. Grande parte dos libertos, depois de perambular por estradas e baldios, dirigiu-se às grandes cidades: Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Lá, ergueram os chamados bairros africanos, origem das favelas modernas. Trocaram a senzala [...] pelos casebres [...]. Apesar da impossibilidade de plantar, acharam ali um meio social menos hostil, mesmo que ainda miserável. (<http://www.culturabrasil.pro.br/abolicao.htm>)

¹ Adotamos aqui o termo escravidão negra, pois a escravidão nem sempre se deu em função de traços fenotípicos. Já houve escravidão em função de dívidas, de guerras, ou seja, a escravidão negra é uma entre tantas outras que já existiram e, segundo Carmo (2008), ainda existe em função do processo de globalização.

Porém, mesmo sendo-lhes negado acesso a escolas, os negros, por meio de associações, conseguiram se organizar e encontrar espaço para ter voz. Esse espaço foi o da chamada Imprensa Negra, que é entendida como o conjunto de jornais que foram publicados, a partir do século XX. Esses jornais, criados pelo protagonismo negro, tinham como objetivo veicular anseios, reivindicações; protestar contra a discriminação e o preconceito que marginalizavam a população negra brasileira.

Para além disso, os jornais veiculavam fofocas, datas comemorativas, padrões de comportamento, o que era considerado instrução. Podemos entender disso que esse gênero também ditava normas de comportamento. Mas não podemos deixar de discutir que bons padrões de comportamento não são/foram suficientes para a aceitação e inclusão da população negra, uma vez que isso não mudava a sua cor, seu principal atributo de identificação.

Para analisar o jornal *A voz da raça*, utilizaremos também a *Análise de Discurso Crítica*, teoria que passamos a apresentar a seguir.

2 A análise de discurso crítica

A *Análise de Discurso Crítica*, segundo Iñiguez (2004), possui princípios básicos e apresenta técnicas de análise que são, segundo nosso ponto de vista, de grande valia para o trabalho com textos – suportes de discursos.

A importância do emprego dessa teoria deve-se ao fato de ela ter como objetivos: a) analisar a re(construção) e a reprodução das estruturas e da organização social; b) conhecer aspectos formais do discurso, como sua estrutura e textura, ou como os tipos e gêneros, mas também aos recursos e estratégias através das quais são construídas representações dos acontecimentos e da ordem social e; c) conhecer sobre quais são os efeitos sociais e políticos dos discursos e qual é o valor que socialmente se lhes atribui.

Tais objetivos, quando alcançados, levam o analista a: refletir sobre as possíveis implicações sociais dos processos de construção discursiva, refletindo sobre até que ponto podemos contribuir, ou não, para a continuidade das diferenças sociais do funcionamento de estruturas e mecanismos de exclusão e de dominação; assim como a ter consciência da importância das práticas discursivas, incrementando, assim, aquilo que foi chamado de “a consciência crítica do uso linguístico”.

De modo geral, nas análises cujo suporte é a ADC, mostramos como, através de recursos linguísticos e de estratégias discursivas, incorpora-se ao discurso a presença do falante (enunciador), de seus pontos de vista, de suas atitudes e valores e de seus objetivos na interação/enunciação; construímos no discurso uma representação específica dos: a) acontecimentos, b) das relações sociais e c) de nós mesmos.

Segundo Fairclough (trad. 2001), o discurso possui três dimensões: a textual, a discursiva e a social. Quando analisamos a dimensão textual, procedemos a uma análise do texto, entendendo que o texto é o resultado de uma prática discursiva. Dar atenção a essa dimensão do discurso pressupõe explicar as regras de produção textual, a forma como o texto é tecido e como adquire sua textura: isto é, um estudo da organização da informação, da coerência e da coesão textuais (modalidade, posição da autoria).

Já na análise da dimensão discursiva, partimos do entendimento de que todo discurso tem como moldura uma situação, em um tempo e espaço determinados. Por isso, nessa parte da análise, no preocupamos em especificar a natureza dos processos de produção e de interpretação textual, procuramos descobrir em que medida os ‘falantes’ produzem, reproduzem ou modificam o contexto, as relações assimétricas.

Na análise da dimensão social, preocupamo-nos com questões acerca de ideologias e de hegemonia, entendendo que essa dimensão não só expressa ou reflete identidades, práticas e relações, como também as constitui e as configura, pois o discurso encontra-se configurado pela ordem e estrutura social, mas, por sua vez, também configura todas essas coisas e incide sobre elas, seja consolidando-as seja questionando-as. Trata-se, portanto, de uma prática social com origem e efeitos sociais.

Segundo Fairclough (trad. 2001), podemos analisar o discurso por intermédio de sua materialidade linguística, ou seja, no caso de nossa pesquisa, jornal da imprensa negra. Para que a análise seja realizada conforme Fairclough (2001), as três dimensões já citadas devem ser consideradas, que podem ser visualizadas no quadro abaixo, com suas categorias analíticas linguísticas:

	Dimensões	Possíveis categorias de análise			
descrição	1) DIMENSÃO DA PRÁTICA TEXTUAL	1.1) Vocabulário (palavras individuais)	Lexicalizações alternativas		
			Relexicalizações		
			Superexpressão		
			1.1.1 Sentido da palavra		
		1.2) Gramática	1.2.1 Palavras combinadas em orações e frases		
			1.3) Coesão (ligação entre orações e frases)	Campo semântico comum	
		1.3.1 Repetição de palavras			
		1.3.2 Sinônimos próximos			
		1.3.3 Mecanismos de referência e substituição			
		1.4) Estrutura textual (propriedades organizacionais)	1.3.4 Conjunção		
1.4.1 Maneiras e ordem de combinação de elementos ou episódios (frame – moldura)					
interpretação	2) DIMENSÃO DA PRÁTICA DISCURSIVA	2.1 Força dos enunciados (tipos de atos de fala)			
		2.2 Coerência (como o texto afeta a interpretação)			
		2.3 Intertextualidade	2.3.1 Manifesta		
			2.3.2 Constitutiva (interdiscursividade)		
		2.4 Produção	2.4.1 Individual ou coletiva		
			2.4.2 Conceito de produtor textual	Animador (quem realiza sons/letras)	
				Autor (quem é responsável pelo texto)	
				Principal (quem tem a opinião representada)	
		2.5 Distribuição		2.5.1 Simples	
		2.6 Consumo	2.6.1 Individual ou coletivo		
	Tipos de trabalho interpretativo				
	3) DIMENSÃO DA PRÁTICA SOCIAL	3.1 Ideologia	3.1.1 Estruturas (ordens de discurso)		
			3.1.2 Eventos (reprodução e transformação de estruturas)		
			3.1.3 Níveis do texto	3.1.3.1 Sentido das palavras	
				3.1.3.2 Pressuposições	
				3.1.3.3 Metáforas	
		3.1.3.4 Coerência			
		3.1.3.5 Estilo			
3.2 Hegemonia		3.2.1 Ordens de discurso			
		3.2.2 Produção, distribuição, consumo e interpretação			
		3.2.3 Articulação de discurso			
	3.2.4 Relações sociais				
	3.2.5 Relações de poder				

Quadro 1 – Categorias Analíticas

Fonte: quadro elaborado a partir de Fairclough (2001).

As várias dimensões do discurso (como prática social, como prática discursiva e como prática textual) não podem dissociar-se: os elementos linguísticos que aparecem em um discurso concreto, as palavras que o integram, o estilo ou o idioma a que pertencem, as vozes que neles são evocadas, tudo isso contribuirá para a realização de uma tarefa determinada, para atuar em sociedade e, ao mesmo tempo, para criar uma representação específica – e não

qualquer outra – dos acontecimentos. E essa representação, por sua vez, reforçará ou questionará, fará com que se torne natural ou colocará em questão certas visões dos acontecimentos e da ordem social e não quaisquer outras, certas ideologias e não outras, que poderão beneficiar ou prejudicar os interesses dos vários grupos.

Os objetivos que a Análise de Discurso Crítica estabelece para si, originam-se dessa concepção tridimensional do discurso (Fairclough, trad. 2001). Trata-se de saber como é realizada essa construção discursiva dos acontecimentos, das relações sociais e do próprio sujeito, a partir da análise dos aspectos linguísticos e do processo comunicativo em um tempo e lugar determinados. Paralelamente, trata-se de revelar quais são as implicações sociais desse processo de construção. Assim, os já numerosos trabalhos de Análise de Discurso Crítica estudaram o papel do discurso na transmissão persuasiva e na legitimação de ideologias, valores e doutrinas – ideologias ou fragmentos de ideologias sexistas ou racistas; doutrinas a respeito daquilo que é ‘normal’ ou ‘essencial’ no momento de definir um grupo social: assim, aparecem e reaparecem afirmações enraizadas e prestigiadas que são citadas e reelaboradas constantemente.

Com isso, empreendeu-se o estudo do papel desempenhado pelos discursos na manutenção e fortalecimento da ordem social, ou seja, na sobrevivência do *status quo* – impedindo, por exemplo, que circulem, ou sejam ouvidos em determinados contextos, discursos dissonantes daqueles veiculados pela maioria.

Também é preocupação da Análise de Discurso Crítica o papel do discurso na sobrevivência das desigualdades sociais – consolidando ou aumentando tais desigualdades –, e na implementação de estruturas e mecanismos de dominação (procedimentos de exclusão social através do discurso). Além disso, outro objetivo da Análise de Discurso Crítica é o de aumentar a reflexividade das pessoas, que elas percebam a relação entre linguagem, discurso/poder/ saber, surgindo assim novas visões dos fatos e dos acontecimentos.

A partir desses objetivos, esboçam-se duas áreas de investigação: a) o estudo de como os discursos ordenam, organizam e instituem nossas interpretações dos acontecimentos e da sociedade e incorporam, além disso, opiniões, valores e ideologias. Esse estudo se concentra na construção discursiva de representações sociais e, b) o estudo de como o poder gerador dos discursos é administrado socialmente, de como lhes atribuímos um valor diferente na sociedade dependendo de quem os produza e onde sejam difundidos. Isso é a ordem social do discurso.

A fim de desenvolver ambos os campos de trabalho, foram estabelecidas várias ferramentas/categorias de análise. Para a análise da construção discursiva de representações, analisamos categorias como:

- atores sociais: formas de designação, atributos, ações que lhes são atribuídas; dinâmicas de oposição (eu, nós, eles);
- representação dos processos, em particular, a quem se atribui a responsabilidade por ele e sobre quem são projetadas suas consequências/ se são processos positivos ou negativos;
- argumentação: para persuadir ou reiterar a persistência de determinada representação, invoca a razão de estado;
- projeção das atitudes dos falantes para com o enunciado, incluindo não somente seus pontos de vista, mas também se eles expressam sua posição de forma moderada ou intensa (modalidade);
- legitimação e deslegitimação das representações discursivas dos acontecimentos, dos atores sociais, das relações sociais e do próprio discurso.

Para o estudo da ordem do discurso, é preciso ter em mente que o poder e a autoridade de quem produz os discursos se projetam sobre os demais e provocam a

desigualdade entre os interlocutores. Assim, é possível descobrir uma ‘ordem social dos discursos’ que se baseia, por conseguinte, em um princípio de desigualdade. Isso explica o motivo de, ao lado de *discursos autorizados*, encontramos *discursos desautorizados*; diante de *discursos legitimados*, *discursos deslegitimados*, diante de *discursos dominantes* ou *majoritários*, *discursos minoritários*. Mas, além disso, e como consequência do poder gerador de saber que os discursos têm, os conflitos de interesse entre os vários grupos sociais se projetam também sobre a ordem discursiva. Os vários grupos competem entre si para intervir na produção, na recepção e na circulação dos discursos, com o fim de moldá-los para que sirvam a seus próprios interesses. Essa competição converte a área discursiva em um âmbito de luta (*sites of struggles*) para controlar, ou até mesmo apropriar-se desse capital simbólico, já que, como observamos anteriormente, as práticas discursivas contribuem para estruturar, exercer e reificar as relações de dominação e subordinação entre grupos e classes sociais, entre os gêneros, entre raças/etnia. A regulação da produção, recepção e circulação dos discursos estabelecem, por conseguinte, que tipo de discurso pode ser produzido em que contextos; quais as características que fazem com que ele seja apropriado; e quais o desqualificam ou que impedem que eles circulem. Essa regulação articula-se sobre os seguintes eixos:

a) a produção dos discursos é controlada todas as vezes que os grupos que têm autoridade necessária para isso conseguem impor o uso de determinados idiomas, dialetos, registros e usos linguísticos, aos quais nem todos os grupos têm acesso;

b) a circulação dos discursos é controlada todas as vezes que alguns grupos sociais tenham meios para permitir ou para limitar a circulação de determinados discursos;

c) o controle do poder dos discursos ocorre através da neutralização do mesmo, seja deslegitimando a fonte que os produziu (questionando sua autoridade e legitimidade, por exemplo), seja deslegitimando as representações e ideologias que são transmitidas através deles (questionando sua veracidade e objetividade, por exemplo), seja deslegitimando a forma e a adequabilidade dos discursos (apresentando-os como vulgares e inapropriados).

Como os discursos são ideológicos, Thompson (1995) apresenta os modos de operação da ideologia, ou seja, os seus modos de ação. São eles: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. Cada um desses modos de ação da ideologia apresenta suas estratégias de ação. Veja o quadro a seguir:

MODOS GERAIS	ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA
a) Legitimação Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem representadas como legítimas, isto é, justas e dignas de apoio. (Thompson, 2005, p. 82)	Racionalização
	Universalização
	Narrativização
b) Dissimulação Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou pelo fato de serem representadas de uma maneira que desvia nossa atenção, ou passa por cima de relações e processos existentes.	Deslocamento
	Eufemização
	Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)
c) Unificação Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas através de construção, no nível simbólico, de uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independentemente das diferenças e divisões que possam separá-los. (Thompson, 2005, p. 86)	Estandarização ou padronização
	Simbolização ou unidade
d) Fragmentação	Diferenciação

Relações de poder podem ser mantidas não unificando as pessoas numa coletividade, mas segmentando aqueles indivíduos e grupos que possam ser capazes de se transformar num desafio real aos grupos dominantes, ou dirigindo forças de oposição potencial em direção a um alvo que é projetado como mau, perigoso, ou ameaçador.	Expurgo do outro
e) Reificação Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pela retratação de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal.	Naturalização
	Eternização
	Nominalização/passivização

Quadro 2 – Modos de operação da ideologia (Thompson, 1995).

Fonte: Quadro elaborado a partir de Thompson (1995).

Tendo em vista o arcabouço teórico apresentado (Fairclough, 2001), passamos a apresentar a Linguística Sistêmico-Funcional, cujas categorias também são empregadas em análises de discursos.

3 Linguística sistêmico-funcional

Tendo como ideia básica que a língua constrói o contexto social e é por ele construída, a Linguística Sistêmico-Funcional é muito importante para a análise de texto. Ela é promovida pela Análise de Discurso Crítica por ser centrada na análise da linguagem do ponto de vista de como se dá a construção de significados na interação. Halliday (1994) considera a linguagem relacionada ao contexto social. De acordo com a Linguística Sistêmico-Funcional, as condições de produção, o contexto em que o texto é produzido, os/as participantes da interação nesse contexto e o modo como os/as participantes organizam o texto para a comunicação irão influenciar as redes de significados que compõem os diferentes tipos de textos.

Pelo fato de Halliday (1994) considerar que os significados se realizam em sociedade, em contextos específicos de comunicação, temos, de acordo com esse autor, as variáveis de contexto: o de situação e o de cultura, variáveis essas importantes para a análise. O contexto de situação é o ambiente imediato em que o texto está de fato funcionando. Essa noção serve para explicar por que certas formas foram ditas ou escritas em uma ocasião particular e o que mais poderia ser dito ou escrito. Uma vez que o sistema linguístico é construído sócio-historicamente, apenas certos significados são possíveis. Além disso, a construção desses significados é dependente da forma como a linguagem foi usada no passado. Nesse sentido, os fatores que constituem o contexto de cultura determinam coletivamente a forma como o texto é interpretado em seu contexto de situação.

Na Linguística Sistêmico-Funcional, investiga-se o uso efetivo da linguagem em relação à atividade social em jogo e à intenção dos interlocutores. Assim, a linguagem, o texto e o contexto são tomados como os responsáveis pela organização e pelo desenvolvimento da experiência humana. Nessa gramática, são estudadas as formas lexicogramaticais em relação a suas funções sociais. (MEURER & MOTTA-ROTH, 2002).

Ao caracterizarmos o texto em relação ao contexto da situação e ao contexto de cultura, temos as metafunções que correspondem a cada um desses contextos. Por exemplo, a metafunção ideacional, relacionada ao contexto de situação campo (*field*), diz respeito ao que está acontecendo, à natureza da ação social. Essa metafunção serve à expressão do conteúdo. Os significados ideacionais estão ligados à categoria gramatical de transitividade. Por meio dela, a análise é realizada, levando-se em conta o tipo de processo a que estão integrados os participantes, a meta e as circunstâncias. Trata-se da análise de quem faz o quê, a quem, e em quais circunstâncias.

Ligada ao contexto de situação relações (*tenor*), outra metafunção é apresentada por Halliday (1994), a interpessoal. Tal metafunção refere-se à natureza, às posições e aos papéis dos/as interlocutores/as envolvidos/as na interação. Além disso, reflete como os/as participantes expressam suas visões de mundo, seus julgamentos, suas atitudes. Reflete, também, os papéis sociais em suas inter-relações e nas relações que estabelecem com o que está sendo dito. As categorias gramaticais de modo e pessoa são relevantes para a análise realizada por meio da metafunção interpessoal.

Ressaltamos que, diferentemente, de Halliday (1994), Fairclough (trad. 2001: 92) distingue duas subfunções da metafunção interpessoal, a saber: a relacional – o texto na constituição das relações, “relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso” – e a identitária – o texto na constituição das identidades pessoais e sociais ou, ainda nas palavras de Fairclough (trad., 2001: 92), é a função que diz respeito à “como as relações entre os/as participantes do discurso são representadas e negociadas”.

Textual é o nome da terceira e última metafunção apresentada por Halliday (1994). Ligada ao conceito de situação modo (*mode*), essa função explicita o papel desempenhado pela linguagem no contexto comunicativo. Podemos dizer também que essa função diz respeito à criação do texto socialmente contextualizado, ou seja, ao estabelecimento das relações entre as frases e sua organização interna e ao seu significado como mensagem. Seu significado está relacionado a categorias, tais como: tema, relações coesivas.

A relação entre os contextos e as metafunções pode ser assim resumida:

Variável de contexto	Metafunção		Categorias de análise
Campo (<i>field</i>)	Ideacional	Diz respeito à maneira como o ser humano expressa a sua experiência no mundo	Transitividade Nominalização
Relações (<i>tenor</i>)	Interpessoal	Indica papéis sociais e as relações estabelecidas entre os participantes envolvidos no evento comunicativo	Modalidade/ modo Modulação Pessoa
Modo (<i>mode</i>)	Textual	Explicita o papel desempenhado pela linguagem no contexto comunicativo	Tema Informação Relações coesivas

Quadro3 - Variáveis de contexto, metafunções e categorias de análise.

Fonte: Quadro elaborado a partir de Halliday (1994).

Halliday (1975) considera a sociedade, a linguagem e a mente indissolavelmente interligadas. Para ele, nossos pensamentos são moldados pela sociedade em que vivemos e a linguagem serve como forma de expressão do indivíduo e, conseqüentemente, interliga-se a valores e crenças e aos contextos onde o indivíduo executa práticas sociais diversas.

As abordagens de linguagem, de acordo com a proposta de Halliday (1994), propiciam reflexões a respeito da identidade de raça/etnia como um dos aspectos da vida social moldada pela linguagem. Da mesma forma, Fairclough (trad., 2001; 2003) relata a sua compreensão sobre o relacionamento entre linguagem e identidade e integra o estudo da linguagem ao seu estudo sobre o contexto de produção, mostrando que o texto é inseparavelmente ligado aos seus processos de produção e interpretação e esses aspectos, por sua vez, são inerentes ao contexto sócio-histórico em que os/as participantes do evento discursivo estão inseridos/as.

Tendo como suporte as teorias apresentadas, temos a esclarecer que as divisões são didáticas. Na análise, elas se mesclam, se misturam.

Passaremos à análise dos discursos e representações linguisticamente materializados na primeira página de três edições do jornal da imprensa negra *A voz da raça* (18 de março de 1933; 17 de março de 1943 e 31 de agosto de 1935 – vide Anexo).

4 Análise

Para procedermos à análise do jornal *A voz da raça*, empregaremos a teoria da Análise de Discurso Crítica (Fairclough, 2001) e da Linguística Sistêmico-Funcional.

A ADC preconiza que uma análise tem três dimensões, a saber: a textual, a discursiva e a social. Na dimensão textual, ater-nos-emos em questões formais do texto, tais como: vocabulário, gramática, coesão, estrutura textual; já na dimensão discursiva, nossa atenção estará voltada para a especificação dos processos de produção, interpretação do texto. Para tanto, daremos atenção a categorias de análise como força dos enunciados, coerência, intertextualidade, produção, distribuição e consumo do texto. E, na dimensão social, por meio do estudo de ideologias e da hegemonia, analisaremos as relações de poder no texto presentes, bem como as identidades que o mesmo delinea. A Linguística Sistêmico-Funcional considera que a língua constrói o contexto social e é por ele construída; língua essa que estabelece relações.

Nesse jornal, são discutidas questões referentes à população da raça negra, como o jornal nomeia. População essa que já não é mais escravizada, mas que sofre com o preconceito e discriminação da sociedade. Esse contexto de cultura tem contribuído com as escolhas linguísticas, bem como com a construção de significados.

Nesse contexto cultural pós-abolição, a linguagem é por ele influenciada e esse mesmo contexto determina formas de se interpretar textos veiculados e seus discursos.

O que notamos no jornal é, apesar de a voz hegemônica ser outra, a luta da população negra em construir uma nova identidade, mais fortalecida e crítica.



Fonte: trecho retirado de *A VOZ da raça* (1933).

Na parte inicial do jornal, notamos a presença da data, que remete a um momento histórico do Brasil. Em 1933, a abolição já havia ocorrido e, oficialmente, a escravidão baseada na raça não mais existia. Mas, os problemas relacionados ao preconceito e à discriminação continuavam.

Naquela ocasião, o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento ainda apresentavam seus ecos, fazendo com que a voz da população negra fosse abafada por sobre esse mito, ao mesmo tempo em que se pensava em um Brasil sem negros. Essa contradição

posta concorria para que o preconceito não fosse admitido ao mesmo tempo em que o negro não era integrado e aceito como cidadão. Negro esse nomeado de “essa gente”, como no excerto a seguir: Não se metem na F.N.B. as nossas mocinhas negras da burguesia mais avantajadas, porque têm medo de se misturarem com ‘essa gente’, não considerando que a sua presença na associação geral dos negros. (SANTOS: 1934, p.1).

A expressão “essa gente”, pressuposta pelo redator, revela, por um lado, valor negativo com que os negros da Frente Negra Brasileira (F.N.B.) e do jornal são representados. Por outro lado, escrita pelo redator do jornal entre aspas, revela uma identidade dele não subjugada a ideologias da época, pois as aspas podem ser indicativas de ironia, de consciência de que a expressão tem tom pejorativo, mas que ele é crítico em relação a ela.

Essa criticidade do redator faz com que seu estilo não seja o de submissão aos ideais hegemônicos, a saber, o da inferioridade do negro e, por isso, luta por espaço e igualdade para todos: Com satisfação, assumimos o encargo da direção deste jornal que se destina a publicação de assuntos referentes ao negro, especialmente, não dispensando porém de acolher os de outras referências quando solicitados. (A VOZ da raça: 1933, p. 1).

Notamos a fragmentação, estratégia de ação da ideologia, que divide um grupo e diminui sua força de reivindicação, ou seja, o grupo dos negros está dividido. (ver Thompson, 1995). Há o grupo dos negros que participam das lutas na Frente Negra Brasileira e do jornal, chamados de ‘essa gente’ e os outros, os cultos, os formados: Não se metem na F.N.B. os negros cultos e formados, porque apenas querem ver de longe para criticar, desmoralizar (se possível) e fazer derrotismo, julgando que essa ‘coisa de negros’ os vai pôr mal com os brancos seus amigos. (SANTOS: 1934, p.1).

Essa divisão faz com que as identidades desses grupos sejam construídas de modos distintos. Um grupo participa das lutas por melhorias do grupo negro. O outro, por questões ideológicas, assume uma postura de recusa às marcas que trazem o preconceito e discriminação: Não se metem na F.N.B. os negrinhos bonitos que pensam que já não são negros. (SANTOS: 1934, p.1).

Com esses exemplos e com o conhecimento do contexto no qual o jornal foi produzido, notamos que o poder na sociedade está distribuído de modo desigual entre grupos. E o jornal, alternativo, vem para mostrar isso e reivindicar outro lugar para a população negra.

Afirmamos que o jornal é alternativo pelo fato de ele não coadunar com a ordem do discurso jornalístico da época, que divulgava as ideias hegemônicas; bem como pelo fato de ser produzido, distribuído, consumido e interpretado por pessoas negras ou solidárias aos seus problemas ou reivindicações, mostrando outro discurso que não o hegemônico.

O valor do trabalho da Frente Negra Nacional e, conseqüentemente do jornal, é questionado, contribuindo para o embate ideológico entre as ideias veiculadas pelo mito da democracia racial e o preconceito sofrido pelos negros: Há tempos, alguém, falando da F.N.B., asseverou que ela não valia nada, por isto que, mesmo desses mocinhos negros que não são ninguém na ordem dos valores mas fazem figuração pelos modos e especialmente PELA ROUPA, quâsi nenhum pertence ao quadro dos sócios da F.N.B. (SANTOS: 1933, p.1).

O jornal traz, ou antes, ou depois do título, os dizeres de Isaltino Santos: O preconceito de côr no Brasil, só nós, os negros, o podemos sentir.” (Isaltino V. dos Santos).” (SANTOS: 1934, p.1).

Essa oração mostra o negro como objeto de preconceito. Sendo que a palavra ‘preconceito’ aparece em posição temática, fazendo com que figure com destaque. (ver Halliday, 1985)

Por todo o texto, notamos a presença de processos (assumir, precisamos); cujos participantes podem ser pressupostos pelo fato de a reportagem, no caso dos exemplos a seguir, serem assinado por Arlindo Veiga dos Santos. O autor coloca o leitor como participante, tendo a possibilidade de ter maior adesão do leitor às ideias veiculadas: Com

satisfação, assumimos o encargo da direção deste jornal que se destina a publicação de assuntos referentes ao negro, especialmente, não dispensando porém de acolher os de outras referências quando solicitados. (A VOZ da raça: 1933, p. 1).

Este jornal aparece na hora em que precisamos tornar público, nos dias de hoje, de amanhã e de sempre, os interesses e comunhão de ideia da raça, porque as outras folhas, aliás veteranas, por despeitos políticos, tem deixado de os fazer; ... (A VOZ da raça: 1933, p. 1).

Grosso modo, as ideologias veiculadas no/pelos discursos são apreendidas e aceitas pelo leitor. No caso dos jornais analisados, há a tentativa da construção de estrutura social, de relações sociais e de poder melhores distribuídas e mais igualitárias entre a população negra, bem como constitui identidade de negros protagonistas. Porém, embora já haja um viés emancipatório, no jornal ainda são veiculados textos cujo discurso, se não questionado, pode reproduzir ideias preconceituosas, como o trecho a seguir:

Odio de raça

Com a devida vênua, transcrevemos d'A Nação, do Rio de Janeiro, a seguinte e interessante nota:

Falando sobre o odio da raça, o famoso escritor e catedrático negro Booker Washinton, num de seus livros, conta o seguinte caso, do qual foi protagonista um seu amigo, também de cor preta e que tinha necessidade urgente de fazer-se conduzir a um lugar qualquer, já quando se fazia noite.

Aproximou-se de um carro que estava parado junto a outros, mas o cocheiro, que era um indivíduo de cor branca, quando o viu já fora abrindo a portinhola, disse-lhe lá do alto da boléa, em tom depreciativo que "não costumava carregar negros em seu carro".

O amigo do escritor não se desconcertou, limitando-se a dizer para o cocheiro:

_ Perfeitamente. Meta-se, você, dentro do carro e eu subirei para a boléa, levando-o até onde quero ir.

Assim fizeram e dentro de pouco tempo estavam na estação. O preto desceu então da boléa, pagou ao cocheiro e se foi... (A VOZ da raça (1935, p. 31).

Algumas considerações

A imprensa negra do século XX teve grande importante papel no fortalecimento da identidade da população negra que, apesar de na época não se encontrar mais escravizada, sofria com preconceito e discriminação. Sua importância se deu não apenas pelo fato dessa imprensa ser veículo de cultura de parcela da população brasileira, mas pela veiculação de representação do negro protagonista, o que contribuiu para o fortalecimento da identidade desse povo e para a quebra do senso comum, a saber: do negro passivo a sua situação.

Analisando o jornal *A voz da raça* com as contribuições do arcabouço da Análise de Discurso Crítica e da Linguística Sistêmico-Funcional, notamos que o enunciador constrói representações específicas dos acontecimentos e das relações sociais e dele mesmo. Isso ocorre, por exemplo, quando ironiza as "mocinhas negras da burguesia mais avantajada" (SANTOS, 1934, p. 1). O enunciador mostra a consciência crítica da situação vivida e, com isso, há a possibilidade de transformação dele e dos leitores do jornal. O contrário também pode ocorrer – o de o enunciador reproduzir o discurso que o subjuga, como na citação "Odio de raça". Mas isso é reflexo do contexto de cultura e iniciar, com a publicação do jornal, luta

contra a situação imposta ao negro naquela época já indicou grande avanço. Avanço com a publicação do jornal *A voz da raça*, que veiculava discursos não hegemônicos, significando quebra de controle de circulação de discursos. Avanço pela interação realizada entre os negros: ela passa de interação no eito para ocorrer em outro nível, no nível letrado e com uma nova representação, uma nova constituição de identidades.

Tudo isso pode ser comprovado pela análise realizada. Análise essa que aqui não foi, de modo algum, exaustiva, mas que contribui para que ideias do senso comum, velhas representações, sejam desconstruídas, tais como: a do negro não letrado, do negro submisso e passivo à condição de inferioridade imposta e; saber disso, contribui com a implementação da lei 10.639/03.

Referências

CHOULIARAKI, L.; Fairclough, N. **Discourse in late modernity**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. Londres and Nova York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. Critical discourse analysis as a method in social scientific research. In: Wodak, R. & Meyer, M. **Methods of critical discourse analysis**. London: Sage Publications, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Trad., I, Magalhães et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Londres: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. **Learning how to mean**: explorations in the development of language. Londres: Edward Arnold, 1975.

IÑGEZ, Lupicínio. (coord.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.

MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros textuais e práticas discursivas**: subsídios para o ensino de linguagem. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Trad.: Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

Jornais pesquisados

SANTOS, Arlindo Vieira dos. Aos fretenegrinos. **A voz da raça**, São Paulo, 18 mar. 1933. p. 1, c. 1-2. Disponível em:
<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/jornais?pesq2=1&nomet=13005&ano=>

SANTOS, Arlindo Vieira dos. A obra dos humildes. **A voz da raça**, São Paulo, 17 mar. 1934. p. 1, c. 1-2. Disponível em:
<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/jornais?pesq2=1&nomet=13005&ano=>

ODIO de raça. **A voz da raça**, São Paulo, 31 ago. 1935. p. 1, c. 3. Disponível em:
<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/jornais?pesq2=1&nomet=13005&ano=>

OS DIRIGENTES. A voz da raça. **A voz da raça**, São Paulo, 18 mar. 1933. p. 1, c. 1.
Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/jornais?pesq2=1&nomet=13005&ano=>

Sites pesquisados

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/jornais?pesq2=1&nomet=13005&ano=>

<http://www.culturabrasil.pro.br/abolicao.htm>

Anexos



A VOZ DA RAÇA

O PRECONCEITO DE CÔR NO BRASIL SÓ NÓS OS NEGROS PODEMOS SENTIR... José Carlos Tinoco

ORGAN OFICIAL DA "FRENTE NEGRA BRASILEIRA" SEMANARIO INDEPENDENTE

DEUS PATRIA RAÇA e FAMILIA

S. Paulo Sabado 18 Março Ano 1933

Redator: Deodéciano Nascimento — Secretário: Pedro Paulo Barbosa — Gerente: A. de Campos

ANO I — NUM. 1

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO RUA CONSELHEIRO BROTERO N.º 155 PROPRIEDADE DE UMA S.A. EM ORGANIZAÇÃO

ASSINATURA SEMESTRE 6\$000 ANO 12\$000

"A VOZ DA RAÇA"

"Com satisfação, assumimos o encargo da direção deste jornal que se destina a publicação de assuntos referentes ao negro, especialmente, não dispensando porém de acolher os de outras referências quando solicitados.

Este jornal aparece na hora em que precisamos tornar publico, nos dias de hoje, de amanhã e de sempre, os interesses e comunhão de ideias da raça, porque as outras folhas, aliás veteranas, por despeitos políticos, tem deixado de os fazer; porém isso não tem importância; diz o ditado que "a dor ensina a gemer!" e si não

fosse a dor... este jornal não surgiria e nos continuaríamos marcando passo e sendo alvo da continua atitude dos diários paulistas que, na surdina, vão pondo no cesto os originais que no presente momento o seu assunto vise a moral e a união política do negro.

O seu programa, na parte principal é desprezar as polemicas em geral e trabalhar com afinco, denodo e coragem dentro da concordia e da moral.

Assim sendo, fica entregue a população o organo acima epigrafado — A Voz da Raça.

OS DIRIGENTES

vinhas da situação precária dos negros, ou originadas da incompreensão ou mau animo de negros e brancos.

Daremos, todavia, tal demonstração de coragem, perseverança e retidão de caráter;

faremos uma tal obra em nosso Brasil, que A GLÓRIA E A FIDELIDADE DO NEGRO BRASILEIRO A CIVILIZAÇÃO CRISTA HAO-DE ESPANTAR TODA A AMERICA.

ARLINDO VEIGA DOS SANTOS

Francisco Costa Santos

Não existe dentro de São Paulo, e numa grande parte do interior do Estado, quem não conheça o homem, cuja fotografia encima estas linhas; é a do inesquecível baluarte Francisco Costa Santos, que não pertence mais ao numero dos vivos.

Com a saída hoje, do primeiro numero deste modesto

F. N. B. inclusive o Sr. Presidente Geral, muito aprenderam com as sabias lições politicas ou não de Francisco Costa Santos, nós os Frentenegrinos, o consideravamos um portento, um verdadeiro sabio negro, (não ve nisto exagero algum) porque o nosso chorado morto, si bem que não fosse um intelectual, dava lições

a verdade, era assim o nosso saudoso companheiro; a sua vida idealista de um lutador conciente, não poderá de forma alguma ser expressa tão somente nestas breves linhas, ela será publicada em fazes condignas, para que todos os elementos da Raça, sem favor algum, saibam venerar a memoria daquê, que será imortalizado porque bem o mereceu, no panteão das nossas justas aspirações reivindicatcias.

O nosso grande morto, na expressão acertada do nosso colega de lutas João de Souza, deixou em nosso meio um vacuo aberto e empenchível, e tambem uma grande saudade.

Foi um forte, viveu sorrindo, e sorrindo morreu.

No proximo numero, iniciaremos a publicação dos traços mais importantes, daquê que se chamou em Vida FRANCISCO COSTA SANTOS.

AOS FRENTE NEGRINOS

Neste gravissimo momento histórico da NACIONALIDADE BRASILEIRA, dois grandes deveres incumbem aos negros briosos e esforçados, unidos num só bloco na FRENTE NEGRA BRASILEIRA: a defesa da Gente Negra e a defesa da Pátria, porque uma e outra coisa andam juntas, para todos aquelles que não querem traír a Pátria por forma alguma de internacionalismo.

A Nação acima de tudo.

O internacionalismo é para os irresponsáveis, que não têm que dar contas de uma Tradição de sangue, de trabalho, de criação, de dor, mas tambem de glória, visto como "recordar o mal que é já passado, dá depois mais prazer que então cuidado".

A Nação acima de tudo.

E a Nação somos nós com todos os outros nossos patrios que comosco, em quatrocentos anos, criaram o Brasil. Não podemos, pois, permitir que impunemente uma geração atual, que é um simples momento na vida eterna da Nação, traia a Pátria, quer atirando-se nos erros materialistas do separatismo (que nada mais é do que o efeito da concepção do "materialismo histórico" — a economia, a riqueza material acima de tudo), quer namorando o terra-a-terra socialista na sua "mais legitima expressão que desfecha no bolchevismo, prégado pelos traidores nacionais ou estrangeiros, e cuja resposta é e há-de ser o aniquilamento violento, seja êle adotado por cidadãos do povo, seja êle adotado por governos que traíam a Nacionalidade.

O Frentenegrino, como o negro em geral, deve estar atento

nas suas reivindicações de direitos que definimos em nosso manifesto de ano passado; mas, para que seja digno de alcançar êsses legítimos direitos no campo social, econômico e politico, — é mistér cumprir os Mandamentos da Lei que definem, antes de tudo, os deveres do homem, base da legitimidade dos direitos do homem.

Ao Frentenegrino, para que possa alcançar, em época não distante, a satisfação dos seus ideais, é necessaria a mais devotada e firme disciplina, condição unica da vitória. Só vencem os batalhões disciplinados, que acatam os chefes e, por isso, em ordem vão para o triunfo. A êles, isto é, aos chefes é que é dado conhecer as operações de conjunto, a movimentação das forças, o nutrimento do fogo, o deslocamento de postos, tudo debaixo de um critério geral que muitas vezes desmornteia os soldados que queiram discutir a razão dos movimentos ordenados.

Marchar, porém. Para a frente sempre!

Não dar atenção aos fracos que forem caído ou desanimando pelo caminho! Os poucos ou muitos bravos que restarem das longas caminhadas de sofrimento e conquista serão suficientes para despedaçar a última trincheira dos inimigos da Pátria e da Raça, que são quasi sempre os mesmos.

Confiantes em Deus, com aquela profunda religiosidade dos nossos Avós, cujo espirito não haveremos de traír, confiantes na nossa Obra e esforço, nós caminharemos firmes entre as mil dificuldades ad-



FRANCISCO COSTA SANTOS

semanario, órgão oficial da Frente Negra Brasileira, cuja fundação deve-se em primeiro lugar a esse titan da Raça, prestamo-lhe esta singela e inexpressiva homenagem; assim falamos, porque o nosso saudoso CHICO, merecia cousa muito maior, pois que, sobre em boa hora auscultas as necessidades de sua Raça; mas ao mesmo tempo, diremos, a homenagem é inexpressiva, mas é sincera, porque pulsa ainda em nossos corações, essa perda irreparavel... Chico morreu, mas viverá ainda e sempre nos corações bem formados daquêles que sabem avaliar a grandeza da obra, de que foi êle, o primeiro e intemerato iniciador.

No nosso querido CHICO, estava sintetizada, como ainda está, a força e o valor idealista de uma raça.

Era êle o orientador concencioso, conselheiro fiel e o amigo sincero; todos os dirigente da

aquêles que o eram, profetizando mesmo os acontecimentos futuros; era o nosso Chico, um verdadeiro modelo, como chefe de familia, como orientador, couo amigo, e muito especialmente como idealista. Foi sem duvida alguma, a falta de compriensão dos nossos irmãos negros, que o matou, mas, contudo, Francisco Costa, apesar do grande pesar que lhe ia n'alma, nunca desanimou os seus companheiros, foi êle o sustentaculo da obra, em todos os casos, ou para todos os casos, por mais grave que lhe parecesse, êle encarava com o mais franco e expressivo sorriso nos labios, encorajando os fracos, pondo em relevo o valor de sua Raça, que na sua expressão "nada devia temer, a não ser a morte de um ou dois ou dez, que se revertirá em beneficio de uma coletividade."

O nosso CHICO, assim possuava, era e continua sendo essa

COM VISTAS

ao Dr. Chefe de Policia

Na noite do dia 12 deste o Corpo Cênico da F. N. B. esteve na sede ensaiando peças de seu repertorio para a proxima representação que brevemente pretende levar a efeito. A's 21 horas, terminado o ensaio, retiravam-se para casa diversas senhoritas, acompanhadas de rapazes quando, ao chegarem à rua Conde de S. Joaquim foram abordados por inspectores de segurança, tendo um destes perguntado aos rapazes donde vinham. Foi-lhe respondido que haviam todos saído da sede da Frente Negra Brasileira. O inspector, sem um motivo justificavel deu imediatamente ordem de prisão a todos, ordenando que entrassem para o carro de preso. Tal não aconteceu devido ao protesto dos prescutes, pois realmente não havia o menor motivo para que tal medida fosse tomada; todos se portavam dignamente e os rapazes daqui saíram acompanhando as senhoritas para gentilmente conduzi-las ás suas residencias, por cautela, devido ao adiantado da hora.

E' necessario que o Sr. Dr. Chefe de Policia tome uma providencia afim de coibir tais abusos de seus subordinados. A Frente Negra não é uma organização suspeita ou clandestina e por isso deve ser merecedora de respeito; não devendo os seus socios serem detidos ou passar por vexames ao saírem da sede da mesma.

Al fica; pois, a nossa justa reclamação a S. Ex. para que tal fáto não mais se reproduza,



“O PRECONCEITO DE CÔR, NO BRASIL, SÓ NÓS, OS NEGROS, O PODEMOS SENTIR?” — (Isaias V. dos Santos)

Raul J. Amaral
ABOGADO

VOZ DA RAÇA

S. Paulo
Sabado
17 Março
Ano 1934

ORGAN OFICIAL DA "FRENTE NEGRA BRASILEIRA"

QUINZENÁRIO INDEPENDENTE

Reda.: Resp. D. Nascimento — Chefe Raul J. Amaral — Sec.: Francisco Lucrecio — Ger.: I. Amaral

ANO I — NUM. 33
NUMERO DO DIA \$200
NUMERO ATRAZADO \$400

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA LIBERDADE N.º 106 — SALA 10
PROPRIEDADE DE UMA S/A. EM ORGANIZAÇÃO

ASSINATURA
ANUAL \$1000

DEUS
PATRIA
FAÇA
e
FAMILIA

A obra dos humildes Uma justiça

Arildo VEIGA DOS SANTOS

Há tempos, alguém, falando da F. N. B., asseverou que ela não valia nada por isto que, mesmo desses mocinhos negros que não são ninguém na ordem dos valores mas fazem figuração pelos modos e especialmente PELA ROUPA, quasi nenhum pertence ao quadro dos socios da F. N. B.

Não ha nada mais verdadeiro ! Não se metem na F. N. B. os negrinhos bonitos que pensam que já não são negros.

Não se metem na F. N. B. os negros cultos e formados, porque apenas querem ver de longe para criticar, desmoralizar (se possível) e fazer derrotismo, julgando que essa «coisa de negros» os vai pôr mal com os brancos seus amigos.

Não se metem na F. N. B. as nossas mocinhas negras da burguesia mais avantajada, porque têm medo de se misturarem com «essa gente», não considerando que a sua presença na associação geral dos negros determinaria, necessariamente, dentro da Ação, uma lógica, legitima e util diversificação e hierarquização das classes, dentro dum bem compreendido espirito cristão, segundo a nossa Tradição Nacional.

Não se metem na F. N. B. os moços e moças negras formadas e, quando aqui aparecem meteoricamente, vêm (quasi sempre !) apenas pedir serviços que, mal sucedidos, as fazem desertar para longe.

Não compreendem, pois, o imenso fim humano, cristão e nacional que estamos visando. Não compreendem ou não querem compreender . . .

E' um grande mal de omissão, um grande pecado de omissão que andam cometendo, e que terá paga no dia dos ajustes gerais de contas pelo Julgador.

Não cabe o elogio em boca propria. Bem sei. Porém, a verdade é que, dos intelectuais brasileiros de sangue negro (pelo menos em São Paulo), o unico que ha tido a coragem da perseverança e da paciência em face das dores da ação, sou eu. Não posso, contudo, ser o eterno Presidente Geral da F. N. B., visto como não há criatura que suporte um cargo destes por mais de três ou quatro anos, a não ser em condições especialíssimas de facilidades de vida e desfogo financeiro.

Eis aí, portanto, a razão de a Obra Frentenegrina ser um enorme esforço de negros humildes, desconhecidos, porém inteligentes e honrados.

E, se isso se diz da OBRA GERAL, tambem se há-de dizer deste departamento que é a imprensa frentenegrina, «A VOZ DA RAÇA».

«A Voz da Raça» é o resultado da dedicação de vontades tortes, como a dèsses moços admiráveis que são, entre outros, os srs. Mario Campos (afastado há meses), Deocleciano Nascimento, Raul e Ismail Amaral, Roque dos Santos, Francisco Lucrecio, Benedito O. de Andrade, Rubens Costa, Lucas Gregorio, etc.

Celebrar um aniversário, o 1.º do nosso jornal, é, conseguintemente, entoar os louvores dos humildes operarios do bem, que, aos poucos, vão semeando floradas para a festa da Gente Negra, futuramente alevantada e glorificada.

Roubando horas aos seus duros cuidados da vida, eles construíram este pequeno baluarte de defesa da F. N. B. e dos seus ideais racionais.

Como já disse, não é, ainda, «A Voz da Raça» o jornal como eu o quero ver. Mas é este o caminho por onde se chega ao ideal do jornal frentenegrino. Enquanto, todavia, as faltas de meios e facilidades de toda espécie nada mais permitem, dêmos graças a Deus o ter-nos permitido vencer duramente um ano, e congratulamo-nos com os estrênuos jornalistas frentenegrinos.

NEGRO, lê e propaga
"A VOZ DA RAÇA"
Que é teu jornal

almejam melhores dias para a grandeza dos descendentes de Patrocínio.

Que o acontecimento que festejamos hoje, com esta edição de um cunho especial se repita "ad multos annos", para melhor atestado da idoneidade da raça e grandeza deste país de tantas glorias, que possuem filhos que bem reconhecem os feitos dos seus antepassados que se immortalizaram em todas as épocas da sua evolução.

Que a diretriz traçada por Patrocínio, sirva de medianoite para o maior realce do representante autorizado dos negros que tem por dilema — trabalhar sem esmorecer para a grandeza da raça e que ouve com todo o carinho o brado de lutar tão bem anunciado pelo nosso porta-voz que representa o grilo, de um povo que deseja melhores dias para os seus irmãos de raça, salve, pois, no dia de hoje a

"A VOZ DA RAÇA"

J. de Aguiar

Comunicado da F. N. B.

Foi convidado pelo Grande Conselho da Frente Negra Brasileira, o sr. prof. José Eugenio da Costa, atual aluno do Conservatorio Dramatico e Musical de São Paulo, para licionar e reger a Banda Musical da F. N. B., que para elevação da mesma accitou.

Para os devidos fins, comunica o prof. José Eugenio, que liciona varios instrumentos e com longa pratica, sendo as aulas as 3.as e 5.as feiras, podendo os interessados se dirigirem a este.

Convida assim a todos os componentes para os ensaios e aos que tiverem seus instrumentos, podendo fazê-lo favor de trazê-los.

O Director regente da Banda Musical da F. N. B.

José Eugenio da Costa
João Francisco de Araújo
1.º Secretario

A redação não se responsabiliza pelos conceitos contidos nos artigos publicados e devidamente assinados.

NOSSO FESTIVAL

A VOZ DA RAÇA

17 - 3 - 33

17 - 3 - 34

Em comemoração ao nosso primeiro aniversario, patrocinamos hoje, 17 de Março, um grandioso Festival Litero-Dramatico-Dansante no salão, Lega Lombarda, situado no largo S. Paulo, 18, com o seguinte programa:

NO PALCO: O squalch, Nada mais e comedia, em um ato, Morrer para ter dinheiro, ambas em primeira apresentação á platêa paulistana, com a colaboração do Corpo Cênico da F. N. B.

A seguir grande baile oferecido aos nossos amigos, com o concurso do batuta JAZ ADEMAR.

Os convites, podem ser retirados hoje, nesta redação.



"O PRECONCEITO DE CÔR, NO BRASIL, SÔ NÓS, OS NEGROS, O PODEMOS SENTIR." — (Isaias V. dos Santos)

A VOZ DA RAÇA

São Paulo
S a b a d o
31 de Agosto
Ano 1935

Orgão da "GENTE NEGRA BRASILEIRA"
MENSARIO INDEPENDENTE

DIREÇÃO
DEOCLÉCIANO NACIMENTO
RAUL J. AMARAL

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA LIBERDADE N.º 104 — SALA 10

DEUS
PATRIA
RAÇA
e
FAMÍLIA
ANO III
N.º 47

A Obra Frentenegrina *Odio de raça* Brasileiros! Despertai!

Arlindo VEIGA DOS SANTOS

Graças à modalidade única da sua organica, dotada de admirável maleabilidade, tem a Frente Negra Brasileira passado por varias fases nestes quatro anos de sua vida acidentada, vária, atormentada e gloriosa, estabilizando-se agora num aspecto mais calmo, porém muito mais dinamico e construtivo.

Serviram-lhe de lição proveitosa os tristes desenganos que a F.N.B. teve de todos os lados e até provin. dos de pessoas das quais mal podia esperar. Recolheu-se, pois, ao seu proprio ser e raça, de-se, confians. O Brasil, acorçado da afirmação de SUA RACA, continua, em magna parte, a farrã do arrianismo negroide... Continua as lreias que, julgando-as contra o seu negro, e contra si mesmo. E o frentenegrino vai trabalhando por si e, antes de tudo, pelo seu Brasil.

JÁ não ha ilusões na F.N.B.: ha uma sede de prosperidade, uma porfia de esforços.

Enquanto os frentenegrinos calmos e refletidos germinam no grande silencio das cousas sérias um lucido porvir, gritam e esbofiam-se uns negrinhos apressados que querem atirar-se a enormes empresas, sem terem lastro interior. Estão enganados. Háve a crevençerã disso, descobrindo que a Frente Negra Brasileira, unificada ao Grande Conselho e Presidência geral nesta Cidade, continua a ter razão.

Neste quarto aniversario, a F. N. B. assiste a uma bela renovação de vida e força. Não ha mais desanimo, nem de-seccões, e não existem motivos para isso. A grande marcha prossegue. As esperanças vão-se aos poucos tornando realidades precisas. Aos Frentenegrinos, o Futuro.

Com a devida venia, transcrevemos d' "A Nação", do Rio de Janeiro, a seguinte e interessante nota:

Falando sobre o odio de raças, o famoso escritor e catadralico negro Booker Washinton, num de seus livros, conta o seguinte caso, do qual foi protagonista um seu amigo, tambem de cor preta e que tinha necessidade urgente de fazer-se conduzir a um lugar qualquer, já quando se fazia noite.

Aproximouse de um carro que estava parado junto a outros, mas o cocheiro, que era um individuo de cor branca, quando o viu já corre abrindo a portinhola, disse-lhe id do alto da bolta, em tom depreciativo que "não costumava carregar negros no seu carro". O amigo do escritor não se desconcertou, limitandose a dizer para o cocheiro: — Perfeitamente. Metase, você, então, deuto do carro e eu subirei para a bolta, levando-o até onde quer ir. Assim fizeram e dentro de pouco tempo estavam na estação. O preto desceu então da bolta, pagou ao cocheiro e se foi...

Nesta hora em que todos nós temos o dever de trabalhar pelo levantamento moral da nossa nacionalidade é preciso que uma voz se faça ouvir nesta terra de Santa Cruz, em favor de uma raça que regou com seu sangue e lagrimas o solo da nossa patria.

Não podemos esquecer que os brados de Luiz Gama e José do Patrocinio pedindo justiça foram ouvidas pelos grandes brasileiros. Joaquim Nabuco, Ray Barbosa, Rio Branco que tudo sacrificaram para conseguir a lei aurea de 13 de Maio de 1888, extinguindo essa mancha que convergonhava os brios de um povo altivo perante os paizes do velho continente.

Pois já são passados 47 anos e a maioria dos nossos irmãos ainda não souberam compreender a grandeza dessa data e continuaram a não compreender, si os nossos irmãos mais ilustrados não tomarem a responsabilidade perante Deus e a Patria

de esclarecer o espirito dos descendentes dessa raça, indicando-lhes o verdadeiro caminho.

Irmãos! É preciso que desperte a vossa consciencia! O vosso lugar não é nas tavernas e nem nas bancas do jogo onde só podereis adquirir viciou que cedo ou tarde vos atirarão ás gradeas das masmorras ou no fundo dos hospitais, mas sim no templo de cultura afim de apreenderdes e serdes bons cidadãos uteis a Patria e a familia!

Nesse dia devemos estar preparados para sabermos glorificar as memorias dos grandes vultos que rompendo o preconceito, abandonando o seu comodismo lutaram até conseguir a liberdade de uma raça que tudo produziu e que nunca se acovardou na hora em que a Patria necessitou de sua dedicacão. Que feito heroico e brilhante o de Henrique Dias!

A Frente Negra Brasileira

A FESTA DE SEU ANIVERSARIO

Como é do conhecimento do publico, a prestigiosa agremiação politico-social da raça negra, a Frente Negra Brasileira, cujo trabalho de educação do negro, tem alcançado as mais louváveis vitórias, completará em 16 de setembro vindouro o seu quarto ano de vida.

fecunda da F. N. B. não se limita ao ambito local ou regional, mas, magnificamente se desenvolve por todo o Brasil, através de suas delegações que formam uma intensa rede de educação e ensino que os proprios governos jamais cogitaram. E o negro que evolue pelo proprio negro.

portanto o desejado efeito o anelo vibrante e a esperanca inquebrantavel dos que lutam pela elevação do negro, que são muitos, mas que se confundem e se reverenciam quanto afirmamos um nome muito sãbio: o do falecido Francisco Ceza Santos.

E' natural que a F. N. B. culde séria e carinhosamente de uma festa que marque vitoriosamente mais uma etapa vencida, sobre as arestas pedregosas da longa estrada a percorrer.

R. Saint-Clair

PROGRAMA DAS FESTIVIDADES COMMEMORATIVAS A' PASSAGEM DO QUARTO ANIVERSARIO DE FUNDAÇÃO DA GLORIOSA "FRENTE NEGRA BRASILEIRA"

- Setembro — Dia 21 — Sabado — I — A's 12 horas — Hastenamento do pavilhão frentenegrino, pelos redatores da "A VOZ DA RAÇA".
 - II — A's 19,30 — Recepção do Grande Conselho às comissões vindas do interior e Estados, nas estações.
 - III — A's 20 horas — Lanche oferecido pelo Grande Conselho, às comissões do interior, no edificio da sede social.
 - IV — A's 29 horas — Recepção do Presidente Geral, o Exmo. Sr. Justiniano Costa, à Imprensa, Sociedades e demais convidados.
 - V — A's 20,15 — S. Excia receberá cumprimentos dos membros do Grande Conselho e Cabos distritais da Capital e Redatores da "A VOZ DA RAÇA".
 - VI — A's 20,30 — Chá aos convidados e socios abrilhantado pelo "Grupo Regional" frentenegrino.
 - VII — A's 21 horas — Reunião do Grande Conselho com os Delegados, afim de tratarem dos altos interesses da F. N. (1.ª reunião).
- PRIMEIRA PARTE
- Dia 22 — I — A's 8 ha. — Missa em ação de graças à fundação da "FRENTE NEGRA BRASILEIRA", celebrada em sua sede central.
 - II — A's 9 horas — Concentração dos escolares e frentenegrinos em geral, na sede da F. N. B. para romaria de saudades no cemite. rio do Araújo.

- III — A's 15 horas — Reunião do Grande Conselho com os Delegados. (2.ª reunião).
- SEGUNDA PARTE
- I — A's 20,30 — Abertura da sessão solene pelo Presidente Geral, o Exmo. Sr. Justiniano Costa e leitura da mensagem de saudação aos negros do Brasil e apresentação dos Delegados da F. N. B.
 - II — Discurso oficial pelo Exmo. Sr. Dr. Arlindo Veiga dos Santos.
 - III — Farião uso da palavra varios oradores inscritos com a devida antecedencia.
- TERCEIRA PARTE
- Agradaveis e retombantes surpresas, ineditas, a cargo do prof. Maurício F. Queiroz.
- Enstrumentamento da sessão solene pelo Sr. Presidente Geral, com o CANTO DA GENTE NEGRA.
- O GRANDE CONSELHO.

Pelos trabalhos bem orientados da Comissão da Festa, estamos atendendo uma comemoração condigna dos esforços que tambem temos emprestado à organização maxima da raça negra nos tem. pos modernos: A Frente Negra Brasileira.

R.

DISCORRENDO

Manuel Alves da Silva

O ORGULHO é um perigoso elemento na vida do homem, porque vem ele de encontro a quasi todas as religioes. Um homem orgulhoso não pode fielmente professar uma religião, porque as que citam o nome de Deus, não podem admitir o orgulho. Deus que é o senhor do Universo nunca se engrandeceu pelo seu feito, antes, fora sempre humilde e servidor. De que vale ao individuo ir à alguma igreja, templo ou casa de oração si se recusa a ficar ao pé de um simples e humilde operario que ali vai cumprir com os preceitos de sua crencça? E', portanto, o orgulho contrario à religião. De que serve o homem ter orgulho, dinheiro, validade quando tem uma alma suja, um coração cruél e impiedoso? Deus não o julga como ao simples, ao verdadeiro e ao piedoso.

A VAIDEADE é a causadora, a (Confinás na 2.ª pag.)